

Tempo e dados

The perfect blackness of space.
Leo is trying to map his coordinates.
His control panel lights up: A message reads:
COORDINATES UNKNOWN
WIDEN SHOT: The same rush of LIGHTS
we saw from the electromagnetic storm appears
to Leo's right. Blinding him – as it did before.
The Alpha pod is suddenly overwhelmed
with light from the worm hole.
And then it disappears.

Tim Burton, *Planet of the apes*, *The Screenplay*

4.1. STAM-3: as datas de radiocarbono

Em Portugal, é muito rara a situação de se poder datar directamente uma deposição funerária num monumento megalítico ortostático, uma vez que os restos orgânicos de origem humana são extremamente escassos. Geralmente, as datações disponíveis referem-se a carvões, de origem nem sempre rigorosamente conectável com enterramentos ou mesmo com o próprio monumento. No caso de STAM-3, todas as datações significativas foram efectuadas sobre os ossos humanos atribuídos a deposições funerárias específicas. Verifica-se assim que à construção e primeira fase de utilização do monumento se referem datas compreendidas entre 2930-2500 cal BC, com três datações indicando um intervalo de tempo excepcionalmente curto, uma delas para a deposição funerária Cm-7, a que se encontrava associada a grande placa recortada J.8-667, entre 2920-2870 cal BC, intervalo de tempo considerado muito provável para nele estar contida a construção efectiva do monumento.

Entre as restantes placas, salienta-se a placa H.8-5, proveniente do Corredor, com duas faces gravadas e motivos relacionáveis com a Deusa Mãe. Trata-se, aliás, de um artefacto ideotécnico que apresenta características da «síndrome das placas loucas», descrita no texto.

A segunda fase de utilização do monumento, na sequência de uma sua reconstrução, foi datada, a partir das deposições funerárias Cm-2, -3 e -4, e do cão associado, entre 2280-2120 cal BC (ver texto). Identificaram-se ainda, e dataram-se pelo radiocarbono, três violações, duas medievais e uma extremamente recente, provavelmente correspondendo esta última à tentativa de destruição do monumento ocorrida em 2000 da nossa era. As duas primeiras das três violações principais foram certamente efectuadas no Outono, altura em que os frutos do medronheiro (*Arbutus unedo*) estão maduros (encontraram-se 14 frutos carbonizados, em diferentes altimetrias, associados a uma amora, que tem o mesmo período de maturação). As datações indicaram dois intervalos de tempo, um correspondendo ao séc. XIII, outro ao séc. XIV e primeiros trinta anos do XV da nossa era. A última das três violações provocou migração de matéria orgânica carbonizada (aroeira, *Pistacia lentiscus*) quase até ao fundo do monumento, na área de junção Corredor – Câmara.

As datações de ossos humanos, de animal (cão, *Canis familiaris*), de madeira carbonizada, (aroeira, *Pistacia lentiscus*) e de dois frutos carbonizados de medronheiro (*Arbutus unedo*), por radiocarbono, AMS, foram efectuadas nos Laboratórios Beta Analytic, Inc., da Florida, USA, e deram os seguintes resultados

QUADRO 2

Datação referente a um fragmento de caule carbonizado de aroeira.

Ref.	Tipo de amostra	Registo, Origem e Coordenadas	$\delta^{13}\text{C}$ o/oo	Idade convencional de radiocarbono
Beta-167208	Carvão, <i>Pistacia lentiscus</i>	H.8-64, Corredor, a um nível inferior ao do vaso H.8-7, X: 079, Y: 162, Z: 204,84, mas cerca da transição Corredor/Câmara	-23,5	Moderna 105,6 +/- 0,5 pMC

QUADRO 3

Anta 3 da Herdade de Santa Margarida: datações radiocarbónicas.

Ref.	Tipo de amostra	Registo, Origem e Coordenadas	$\delta^{13}\text{C}$ o/oo	Anos ^{14}C BP	cal BC, 1 σ	cal BC, 2 σ
Beta-176897	Osso humano, frag. de osso longo	J.8-267, Câmara, possível deposição Cm-8, muito destruída. X: 0,58; Y: 1,48; Z: 204,72*. Os frags. de osso longo estavam associados a um 3.º molar superior direito e a uma falange proximal do pé.	-19,7	4290±40	2910-2890	2930-2880
Beta-166416	Osso humano	J.8-30, Câmara, osso humano do grupo Cm-1, X: 0,59, Y: 0,48, Z: 205,38.	-19,8	4270±40	2900-2880	2920-2870
Beta-166422	Osso humano, crânio	J.8-588, Câmara, deposição fúnebre Cm-7, X: 1,66, Y: 0,63, Z: 204,87, Associado à placa de xisto recortada J.8-667.	-20,0	4270±40	2900-2880	2920-2870
Beta-176896	Osso humano, crânio	J.8-694, Câmara, deposição funerária Cm-5 representada por frags. de crânio, um insivo superior dº e uma falange proximal do pé, X: 1,07; Y: 0,60; Z: 204,70	-20,2	4170±40	2880-2670	2890-2600
Beta-166423	Osso humano, crânio	J.8-609, Câmara, deposição fúnebre Cm-6, X: 1,75, Y: 0,20, Z: 204,80	-20,5	4100±40	2850-2580	2870-2500
Beta-166418	Osso humano, <i>patela</i> direita	J.8-105, Câmara, deposição fúnebre Cm-3, X: 0,47, Y: 160, Z: 205,21.	-19,0	3780±40	2280-2140	2310-2050
Beta-166417	Osso humano, tíbia direita	J.8-71, Câmara, deposição fúnebre Cm-2, X: 0,95, Y: 0,80, Z: 205,34.	-19,2	3770±40	2270-2140	2300-2040
Beta-166420	Falanges de cão, membro posterior direito	J.8-103, Câmara, imediatamente subjacente ou integrado na deposição fúnebre Cm-3, X: 0,55, Y: 1,70, Z: 205,15.	-20,5	3720±50	2200-2030	2280-1960
Beta-166421	Osso humano	J.8-341, Câmara, deposição fúnebre Cm-4, X: 1,28, Y: 0,93, Z: 205,09.	-20,6	3730±40	2200-2040	2270-2020

Ref.	Tipo de amostra	Registo, Origem e Coordenadas	$\delta^{13}\text{C}$ o/oo	Anos ^{14}C BP	cal AD, 1 σ	cal AD, 2 σ
Beta-166419	<i>Arbutus unedo</i> , fruto carbonizado	J.8-279, Câmara, X: 1,43, Y: 0,44, Z: 205,04.	-23,3	730±40	1270-1290	1240-1300
Beta-166424	<i>Arbutus unedo</i> , fruto carbonizado	J.8-572, Câmara, X: 1,00, Y: 0,27, Z: 204,86.	-22,6	560±40	1320-1420	1300-1430

O primeiro bloco reúne as que se referem às primeira e segunda fases de uso do monumento, o segundo bloco as datações que situaram as violações medievais.

* altimetria absoluta, como todos os ZZ deste Quadro.

Estas datações distribuem-se claramente por quatro grupos;

1.º grupo: construção e primeira utilização do monumento em inícios do III milénio

Beta-166416: 2920-2870 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de um fragmento de osso humano, J.8-30, do que se pensava ser um enterramento quase totalmente destruído por fenómenos pós-deposicionais, associado a fragmentos de dimensão muito reduzida de artefactos votivos, Cm-1, identificado no topo da Câmara, a um Z de 205,38.

Na realidade, tratava-se do topo do vortex de violação que correspondia à remoção de partes das deposições funerárias de primeira fase para o topo. Esta situação tinha sido, aliás,

prevista a partir do momento em que se verificou que o fragmento de placa de xisto gravada I.8-2, recolhido à superfície do quadrado, colava com I.8-269, com um Z de 204,75 m, um pouco acima do nível de base. Ou ainda quando se colaram os fragmentos de placa de xisto gravada J.9-8 e H.10-1, ambos recolhidos à superfície, na metade Norte do monumento, e se verificou a existência do negativo de uma pancada perfurante antiga no ponto de fractura comum.

Beta-166422: 2920-2870 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de fragmentos de crânio associados a uma mandíbula, abaixo da qual se encontrava a grande placa recortada J.8-667, deposição funerária Cm-7, identificada no fundo da Câmara, a um Z de 204,87.

Beta-176897: 2930-2880 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de fragmentos de osso longo, associados a um 3.º molar superior direito e a uma falange proximal do pé. Configuravam o que restava de uma deposição funerária registada como Cm-8, muito desarticulada e afectada pela sopa ácida formada no chão da Câmara do monumento.

Beta-176896: 2890-2600 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de fragmentos de crânio associados um incisivo superior direito e uma falange proximal do pé, recolhidos a um Z de 204,70. Câmara, presumível deposição funerária Cm-5, muito afectada por fenómenos pós-deposicionais.

Beta-166423: 2870-2500 cal BC (a 2 sigmas)

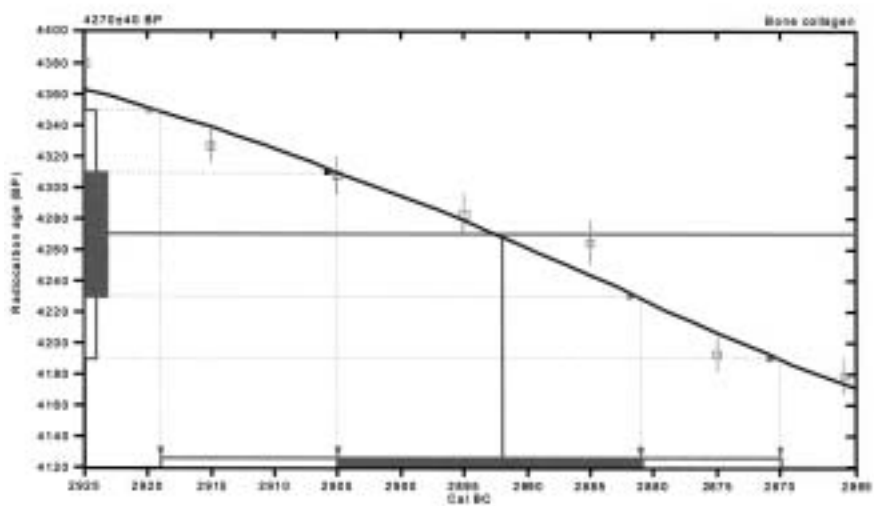
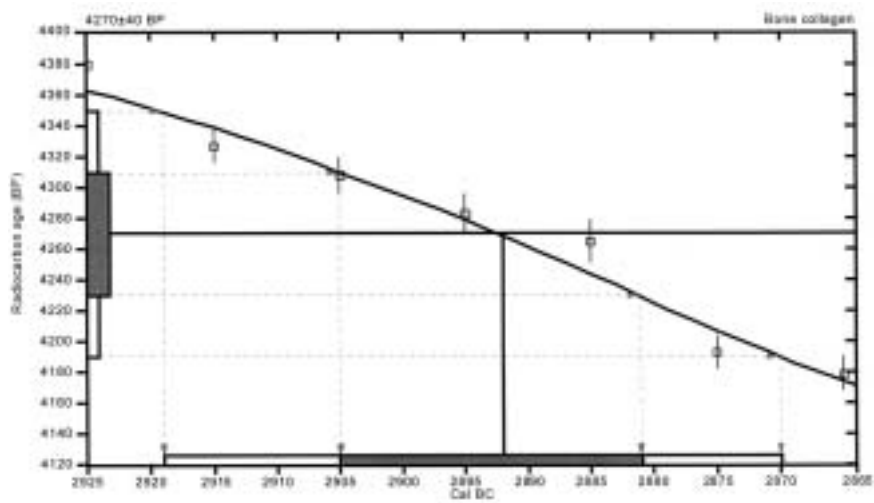
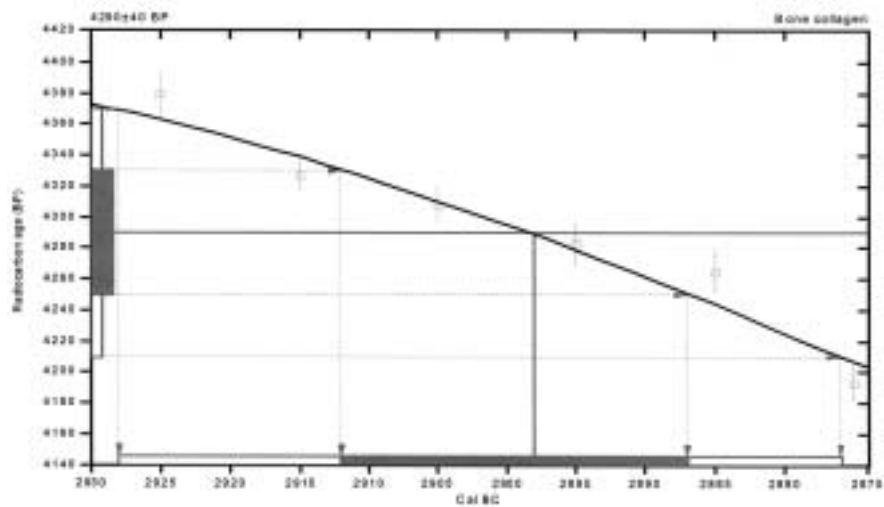
Esta datação foi obtida a partir de dois fragmentos de crânio associados, deposição funerária Cm-6, identificada na primeira fase de enchimento da Câmara, a um Z de 204,80.

As cinco datações que vamos comentar referem-se claramente à mais antiga fase de utilização do monumento, sendo as três primeiras referenciáveis muito provavelmente à construção do espaço funerário e marcando a quarta e a quinta o termo de esta fase.

Por razões atribuídas à especificidade da curva de calibração, foi possível obter para as três primeiras um intervalo de tempo extremamente reduzido de 50 anos a dois sigmas e de 20 anos a um sigma, o que é verdadeiramente notável, particularmente se considerarmos a associação de uma delas a uma placa de xisto gravada com motivos geométricos, a grande placa recortada.

A construção de STAM-3 deve assim ter ocorrido algures entre 2930-2870, num espaço de tempo compatível com o que se obteve para o início e primeira utilização do *tholos* OP-2b, 2920-2505, intervalos de tempo que, a dois sigmas, têm praticamente o mesmo início.

Beta-166423 e Beta-176896 têm o intervalo de tempo habitual para boas datações de radiocarbono. Mas, infelizmente, o percurso da curva de calibração não é exactamente excelente, o que, como sabemos, provoca intervalos de tempo maiores que o desejável. Mas referem-se claramente a um momento da primeira utilização do monumento sequencial ao determinado pelas duas datações anteriores. A sua localização entre 2890 e 2500 é compatível com a de outros monumentos e sítios com placas de xisto gravadas.



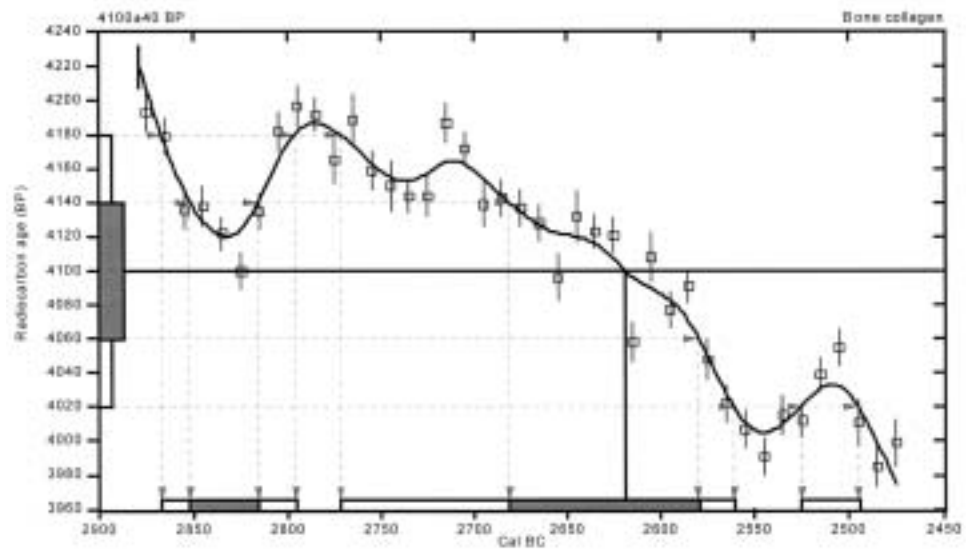
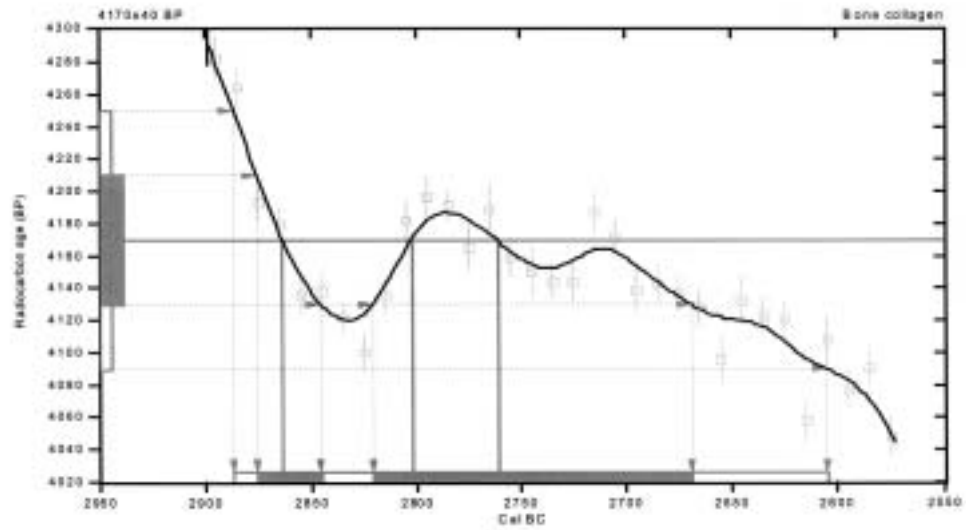


FIG. 9 – Informação gráfica correspondente às datações Beta-176897, -166416 e -166422 (1 a 3), comparadas com as Beta-176896 e -166423, sendo visível a curtíssima dimensão do intervalo de tempo obtido, mesmo quando calibrado a dois sigmas, para as três primeiras, e a irregularidade da curva das restantes, produzindo intervalos de tempo em anos de calendário muito maiores.

2.º grupo: reutilização do monumento em fins do III milénio

Beta-166417: 2300-2120 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir da tíbia direita do indivíduo objecto da deposição fúnebre Cm-2, com o registo J.8-71, recolhido na Câmara, a um Z de 205,34.

Beta-166418: 2310-2120 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir da *patela* direita do indivíduo objecto da deposição fúnebre Cm-3, com o registo I.8-105, recolhido na Câmara, a um Z de 205,21 e associado à taça cerâmica I.8-95.

Beta-166420: 2280-1960 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir do membro posterior direito do cão associado à deposição fúnebre Cm-3, com o registo I.8-103, recolhido na Câmara, a um Z de 205,15. Ver adiante discussão sobre a possibilidade de uma associação a Cm-4.

Beta-166421: 2270-2020 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de um fragmento de osso humano, parte da deposição fúnebre Cm-4, com o registo J.8-341, recolhido na Câmara, a um Z de 205,09.

Estas quatro datações poderiam fazer crer na possibilidade de estarmos perante dois grupos de deposições funerárias, ainda que temporalmente muito próximos. Seriam simultâneas as deposições funerárias Cm-2 e Cm-3, por um lado, e, por outro o indivíduo de sexo não determinável Cm-4 e o cão que, nesta perspectiva, estaria a ele associado.

Mas, na realidade, a leitura dos intervalos de tempo evidencia a sua identidade estatística, sendo insustentável afirmar-se com segurança a sua separação, ainda que breve, no tempo. Jogando com a presumível simultaneidade, a um sigma, as quatro situações datadas estariam firmemente compreendidas no lapso de tempo entre 2280-2140 cal BC. A dois sigmas, o lapso de tempo desloca-se para 2270-2120, sendo a diferença entre os dois graus de probabilidade absolutamente irrelevante.

Poderemos assim defender que as quatro datações se referem a um bloco de tempo aceitável como homogéneo, referente a uma fase ainda muito mal conhecida do terceiro milénio e que marca efectivamente o seu último quartel.

3.º grupo: violações medievais

Beta-166419: 1240-1300 cal AD (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de um fruto carbonizado de medronheiro (*Arbutus unedo*), com o registo J.8-279, recolhido na Câmara, a um Z de 205,04.

Beta-166424: 1300-1430 cal AD (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de um fruto carbonizado de medronheiro (*Arbutus unedo*), com o registo J.8-572, recolhido na Câmara, a um Z de 204,86.

Ambas datações se referem a violações medievais grosseiramente sequenciais, uma na segunda metade do século XIII, outra algures no século XIV ou nas primeiras três décadas do XV. A área da Câmara de onde foram recolhidas está polvilhada de fragmentos de placas de xisto e

materiais fragmentados, mas os pequenos artefactos conservaram-se melhor. Sabemos hoje que o vortex de violações se centrou, como era de esperar, na parte mais exposta da Câmara, a sua área central. O caso de fragmentos da mesma placa de xisto terem sido encontrados a altimetrias muito diversas ilustra esta situação, bem como os dois fragmentos de uma placa, um deles recolhido no exterior do monumento e com um negativo antigo resultante do impacto de um instrumento perfurante.

É interessante observar que nenhum artefacto medieval foi recolhido dentro do monumento, pelo que nos encontramos claramente perante violações e não ocupações oportunistas por parte de pastores, como se verificou em outros monumentos, caso da anta dos Penedos de S. Miguel (Crato).

4.º grupo: violação recente, provavelmente a que esteve para originar a total destruição do monumento

Beta-167208: Moderno (105.6 +/- 0.5 pMC)

Esta datação foi obtida a partir de um fragmento de carvão de aroeira (*Pistacia lentiscus*), com o registo H.8-64, recolhido no Corredor, na área de acesso à Câmara, a um Z de 204,84, portanto inferior ao do vaso H.8-7.

Tal como indica o relatório do Laboratório, «*reported result indicates an age of post o BP and has been reported as a % of the modern reference standard, indicating the material was living within the last 50 years- You will notice that Beta-167208, STAM-3-H.8-64, reported with the units “pMC” rather than BP. “pMC” stands for “percent modern carbon”. When you get a result like this, it means the analyzed material was less than 50 years old. It means the sample had more ¹⁴C than did the AD 1950 reference standard. When we measure a value greater than the standard, the result can only be reported in “pMC”. The source of the ¹⁴C causing the sample to have more activity than the standard is extra ¹⁴C generated during atomic bomb testing (thermonuclear) in the 1950s. So when we see this, we generally know the sample must have been respiring carbon after ~AD 1950. On occasion, the two sigma lower limit will extend into the time region before bomb-carbon onset (i.e. less than 100 pMC). In those cases, there is some probability for 18th, 19th, or 20th century antiquity.*».

Toda esta área se encontrava consideravelmente perturbada, com a estrutura de fecho Corredor - Câmara deslocada do presumido local de origem no sentido vertical. Terra solta marcava o início do sedimento no começo da escavação, mas verificava-se uma menor mistura de sedimentos à medida que os trabalhos progrediam. Aparentemente, a tentativa de desmantelamento do monumento foi seguida por um fogo localizado (de que, no entanto, não encontrei traços). Não é também impossível que a violação tenha permitido a migração, a partir da superfície, de um fragmento de um arbusto carbonizado em uma qualquer queimada. O certo é que não detectei aroeiras no local, o que é irrelevante uma vez a Herdade ter sido quase integralmente limpa da vegetação arbustiva aí existente antes das despedregas.

4.2. Comentários

Se recuperarmos as datações do primeiro grupo, comparando-as agora com as obtidas para o fecho da Câmara de STAM-2 e para a primeira grande fase de utilização do *tholos* OP-2b, teremos uma garantida simultaneidade dos níveis com placas dos monumentos STAM-3 e OP-2b.

Para OP-2b, as datações sobre osso humano indicaram para os níveis de deposição 5/7, 6/7 e 7/7, respectivamente ICEN-957: 2900-2501, ICEN-955: 3303-2615; ICEN-956: 2920-2505 cal BC, o que coloca a primeira fase de uso do *tholos* entre 3303 e 2501, a dois sigmas, parecendo excessivamente recuada a primeira metade do intervalo de tempo indicado por ICEN-955.

Se compararmos as datações que forneceram intervalos de tempo mais curtos, até porque não parece lógico que um segundo nível de deposições (6/6) seja mais antigo que o primeiro (7/7) teremos um intervalo de tempo de 2920-2501 (compreendendo o intervalo de tempo de 5/7 o de 6/7, o que é perfeitamente aceitável).

A primeira utilização de STAM-3 tem assim um intervalo de tempo, como síntese das primeiras três datações, de 2920-2500, perfeitamente simétrico do obtido para OP-2b.

O que se traduz na indiscutível contemporaneidade da construção, no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, de dois monumentos com tipologias completamente distintas por grupos portadores da mesma cultura material. Ou, se optarmos por uma perspectiva hipercrítica, da sua construção em lapsos de tempo tão próximos que o radiocarbono não permite identificar qual o primeiro. Mas sendo as datações de STAM-3 da precisão que vimos, pelo menos em três casos fundamentais para o seu entendimento, esta hipótese sai claramente prejudicada.

STAM-2, com um intervalo de tempo de 3340-2900, a dois sigmas, posiciona-se num momento imediatamente anterior à construção de STAM-3 e, com toda a probabilidade, de STAM-1, tal como fora previsto com base no suporte artefactual (Gonçalves, 2001, p. 172, 178). Convém referir que a datação obtida para STAM-2 se refere ao fecho da Câmara, podendo a construção do monumento ser ainda mais antiga, quanto é impossível dizer.

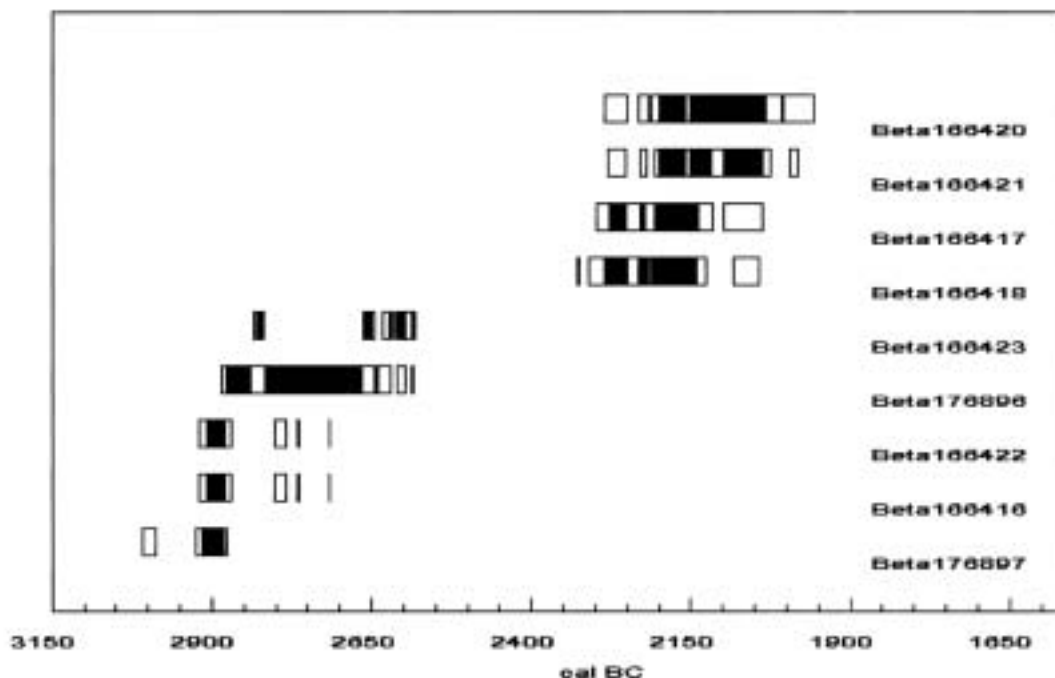


GRÁFICO 1 – Datações obtidas para a utilização pré-histórica de STAM-3, em anos calibrados a dois sigmas.

Câmara: originalmente de sete esteios, orientada a 130º, com as dimensões originais de 2,90 m, na longitudinal, por 3,00 m, transversal, reconstruída nos últimos séculos do III milénio com um aspecto vagamente cistóide, com as dimensões 2,90 x 1,80 m. Esta reconstrução implicou a remoção integral do esteio 5 da Câmara (substituído por outro, tipo laje, mais pequeno) e deslocações dos outros esteios, quer em direcção ao centro da Câmara original quer para Oeste, ultrapassando mesmo os limites do esteio de cabeceira.

Corredor: fórmula 1+1, com o comprimento de 2,33 m e uma altura interna mínima de 1,17 m. Tinha estruturas pétreas móveis de fecho do acesso exterior e um opérculo que encerrava a transição Corredor – Câmara. Como um dos esteios do Corredor era de altura inferior ao outro, foi compensado com duas pedras correctoras de altura.



FIG. 10 – Vista geral de STAM-3 no último dia de escavação. É legível a carcaça do monumento na sua última fase e os alvéolos dos esteios da primeira fase do monumento. À entrada do Corredor, o dispositivo de fecho exterior, com o opérculo que cerraria a entrada. O esteio esquerdo do Corredor cedeu ligeiramente, sob o efeito das fortes chuvas da semana anterior, e a pedra na vertical foi colocada para impedir o seu abatimento contra o esteio direito.



FIG. 11 – Em primeiro plano, grande bloco provavelmente resultante da fracturação do chapéu original do monumento. Em segundo plano, ECm-2.



FIG. 12 – ECm-2, removido para o segmento sul da estrutura tumular.

5.1. A estrutura tumular

A procura do traçado original do *Tumulus* obrigou à abertura de uma sondagem com a largura de um quadrado *standard* (2 m) e o comprimento considerado necessário para se atingir um possível *kerb*. A sondagem, orientada sensivelmente Este-Oeste (330º na orientação geral da quadrícula de referência) não revelou nenhuma estrutura que delimitasse o *Tumulus*, parecendo este resumir-se a terra carregada para cobrir o monumento e a um depósito de pedras de dimensão média, possivelmente externo à Câmara e ao Corredor, mas que se encontrava desestruturado.

A limpeza das terras acumuladas sobre a estrutura tumular evidenciou o que parecia inicialmente ser um *cairn* de pedras de dimensões médias, dispostas com o tipo de acumulação que parecia permitir supor terem integrado uma carapaça maciça do género da identificada na anta Piornal 3. Não são frequentes carapaças de este tipo no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: no limite oriental, apenas se identificou este tipo de cobertura justamente em Piornal 3, tendo monumentos como Xarez 1 ou Piornal 1 sido providos com colares de retenção idênticos ao identificado em STAM-2. Piornal 1 e 2 e Monte Novo do Piornal nem isso, dispunham apenas de apoios exteriores aos ortóstatos da Câmara e Corredor.

A acumulação de pedras no interior da Câmara de STAM-3 evidencia ou entulhamentos antigos ou movimentações mais recentes das pedras que integravam o *Tumulus*.

A primeira limpeza geral do conjunto dá-nos uma imagem em que são evidentes as perturbações sofridas pelo conjunto em épocas ainda indeterminadas.

Na planta actualmente disponível, identificou-se o Corredor, com o seu acesso, a partir do exterior, numa área muito perturbada e alguns dos componentes pétreos da construção original, tampas ou parte de mecanismos de fecho do conjunto (travões ou encaixes de portas, parcialmente desarticulados). Há também um bloco que foi considerado um opérculo ou a laje de cutelo que fecharia a Câmara.

De qualquer forma, não foi possível, inicialmente, seleccionar definitivamente uma forma construtiva em detrimento de outra, mesmo até para a Câmara e sobretudo numa área que se mostrou muito pouco ortodoxa, em termos de arquitecturas funerárias, como a de Santa Margarida (STAM-1 com oito esteios e STAM-2 com seis), na vizinhança das antas da Comenda, elas próprias com particularidades específicas.

No *Tumulus*, é de assinalar que, na sua metade Oeste, foram identificadas fiadas originais das pedras depositadas superficialmente, correndo de Oeste para Sul.

Permanece por resolver (e muito provavelmente permanecerá em aberto indefinidamente) a questão do enquadramento cronológico-cultural dos monumentos com *tumuli* pétreos maciços e sobretudo, e cada vez mais, a questão conexas de se saber se certas arquitecturas têm realmente um significado cronológico-cultural fixo, imutável, representando um bloco associável a determinados conjuntos artefactuais dos construtores dos monumentos.

Uma das situações mais preocupantes referentes tanto ao *Tumulus* como ao Corredor e à própria Câmara reside no preenchimento com pedras que, sendo idênticas, parece terem sido transportadas do *Tumulus* para o interior do monumento. Esta situação pode ser explicada de duas maneiras:

1. numa versão radical, o *cairn* é afinal um pseudo *cairn*, sendo as pedras que se encontram no topo do *Tumulus* provenientes de despedregas que tanto encheram a Câmara como o seu envolvimento imediato. Seria portanto um resultado exclusivo de acções pós-deposicionais. Assim se explicaria o enchimento da Câmara ser em tudo idêntico ao aspecto do *Tumulus*;

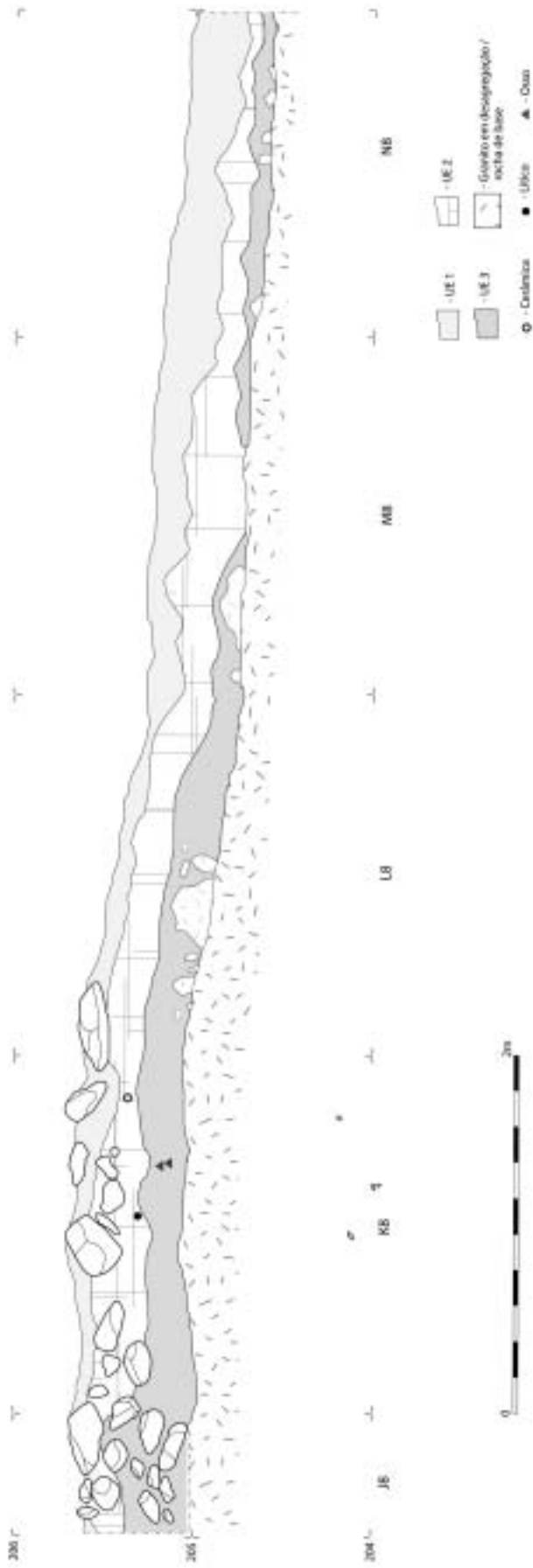


FIG. 13 – O Corte Este-Oeste na estrutura tumular.

2. numa leitura optimista, o *cairn* é efectivamente neolítico (ou, mais adequadamente, calcolítico) e o enchimento da Câmara traduz uma remobilização, efectuada na direcção Sul – Norte, de componentes do *cairn* para um espaço vazio, selando eventuais deposições de segunda fase.

No estado actual dos nossos conhecimentos, prefiro claramente a primeira explicação. No entanto, importaria esclarecer a data provável de esse enchimento, se antiga, se recente.

Observações sobre a estrutura tumular:

1. não restam dúvidas que aquilo que inicialmente aparecia como *cairn* era efectivamente restos de uma carapaça pétreia de constituição pós-deposicional, parcialmente desarticulada, de uma única camada, fornecendo a falsa imagem de uma placa protectora da espessa camada de terra subjacente;
2. o corte efectuado na coordenada 8 evidenciou que esta camada está actualmente muito irregularmente disposta e preservada, tendo sido afectada por remoções parciais em épocas anteriores às violações de 2000;
3. essas remoções foram usadas num entulhamento da Câmara em proporções cuja dimensão foi parcialmente determinada;
4. todas as pedras são de granito local, não existindo quaisquer vestígios de componentes de xisto;
5. a remoção da parte subjacente à área desenhada de L.8 tornou a evidenciar as características dos solos que constituem a estrutura tumular. De cima para baixo: a uma camada de terra muito solta, englobando a manta morta, segue-se um espesso nível único de solo consolidado (de que se recolheram amostras para comparação com os solos envolventes do monumento). Finalmente, o areão que traduz a desagregação do topo do afloramento granítico.

5.2. O traçado do Corredor

5.2.1. A estrutura original

Apresenta uma fórmula 1+1, tendo sido recolhidos componentes de cobertura (tampas), deslocados pela máquina usada na tentativa de destruição do monumento.

No seu exterior imediato, na área de acesso, identificaram-se pedras que integravam um sistema de fecho.

Também na área de transição Corredor - Câmara, muito afectada pelas destruições, se identificou uma pedra que poderia eventualmente corresponder ao fecho em cutelo da Câmara, situação unicamente descrita em Reguengos de Monsaraz, com fiabilidade, no caso da Anta 2 da Comenda, que aliás relocalizámos agora, após ter estado perdida longos anos.

Os esteios do Corredor, ainda perfeitamente conservados, têm alturas diferenciadas, devendo o desnível ter sido corrigido logo aquando da construção com pedras de dimensão adequada, exactamente as que se encontram tombadas no interior do Corredor.

5.2.2. Composição do Corredor (fórmula e soluções)

1. O Corredor é constituído de acordo com a fórmula aparentemente mais comum no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz durante o IV milénio (e talvez também nos

- monumentos construídos em inícios do III). No entanto, as dimensões dos esteios e a sua própria morfologia nada têm que ver com a situação comum no IV milénio. São esteios efectivamente diferentes, mais altos, mais semelhantes a esteios de Câmara, depositados horizontalmente, que a esteios do Corredor;
2. a fórmula 1+1 traduz-se geralmente em Corredores curtos ou médios. Monumentos excepcionais, mas largamente minoritários no Grupo megalítico de Reguengos, como Cebolinhos 2 ou Olival da Pega 2, têm geralmente Corredores longos (mais de 14 m...) e fórmulas que traduzem múltiplos esteios em paralelo;
 3. existem ainda outras particularidades no Corredor de STAM-3: os esteios têm alturas diferentes, pelo que, para permitir a horizontalidade da cobertura, seria necessário (tal como na Anta dos Penedos de S. Miguel, no Crato) compensar em altura o de menores dimensões (o que foi efectivamente feito);
 4. os esteios do Corredor não foram calçados pelo interior nem assentam dentro de alvéolos escavados no paleossolo para o efeito. Foram directamente colocados sobre este, repousando em rocha desagregada do substracto granítico;
 5. as dimensões de ECrE-1 são: 2,33 m de comprimento (na horizontal), 1,06 m de altura (na vertical de um ponto médio do comprimento) e 0,38 m de espessura, lida num ponto médio;
 6. as dimensões de ECrD-1 são: 2,33 m de comprimento (na horizontal), 1,17 m de altura (na vertical de um ponto médio do comprimento) e 0,52 m de espessura, lida num ponto médio;
 7. mas, considerando a inclinação dos esteios, prefiro a diferença entre a altimetria absoluta de um ponto médio do topo dos esteios, exactamente 205,76 para ECrE-1 e 205,46 para ECrD-1, o que produz um desnível efectivo actual de 30 cm contra os 11 cm de diferença de alturas. Como o bloco rectificativo da altura de ECrE-1 (bloco # 14) tem uma espessura de 20 cm, é provável que a inclinação dos esteios já existisse no momento da construção, sendo, no entanto, menos acentuada.

5.2.3. Evolução da escavação do Corredor

1. o aspecto geral do Corredor era idêntico ao da Câmara, antes da desmontagem do enchimento pétreo;
2. removidas as pedras, identificou-se um solo com terras soltas, de cor castanho escuro acinzentado. Cor Munsell observada às 14:50 h, com luz directa e céu limpo, 2.5 Y 4/2, *dark grayish brown*. Este solo formou-se a partir de enchimentos pós-deposicionais, não contendo materiais arqueológicos, exceptuando alguns poucos fragmentos de cerâmica moderna. Esta concentrava-se aliás, sobretudo, no exterior imediato de ECrD-1;
3. no exterior imediato de ECrE-1, recolheu-se uma placa fragmentada, com gravação no verso, H.8-5. Outros fragmentos foram identificados do lado direito do acesso, todos a escassa profundidade;
4. a entrada nos níveis de utilização pré-histórica do Corredor evidenciou basicamente duas concentrações significativas de espólio antropológico e artefactual, já em nível antigo, com uma tonalidade castanho claro, tendo a leitura Munsell sido efectuada às 10:45 h, com luz directa e céu limpo. Munsell 7.5 YR 6/4, *light brown*;
5. a primeira concentração foi definida quase na transição Corredor/Câmara e incluía um fragmento minúsculo de placa de xisto gravada, o vaso H.8-7, dentes humanos e outros ossos indetermináveis e uma conta de colar discóide de xisto;

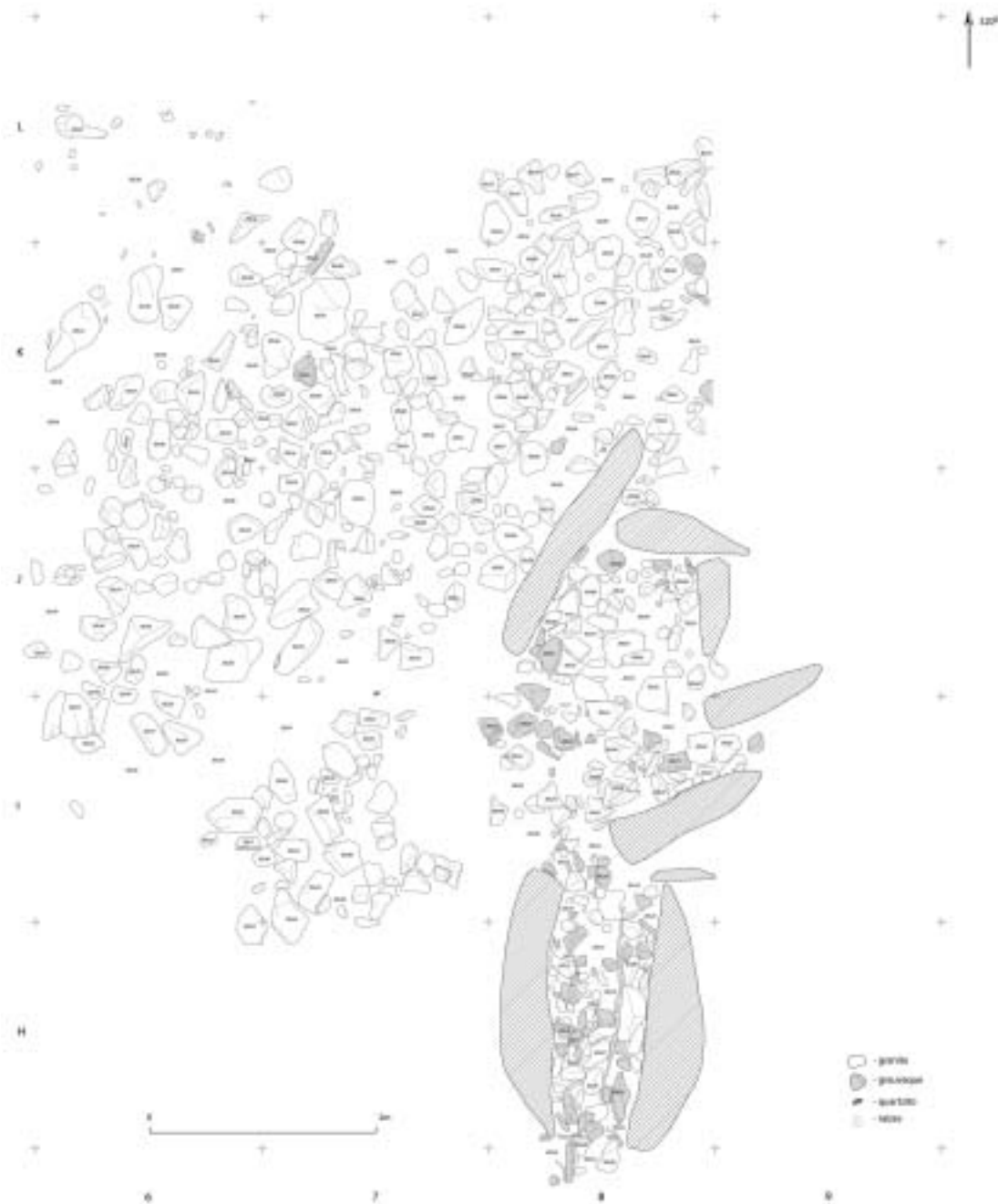


FIG. 14 – Planta geral da área escavada de STAM-3, traduzindo o que sobreviveu da última fase efectiva de utilização do monumento.

6. a segunda foi identificada no início do Corredor e incluía o vaso fragmentado H.8-20, o fragmento de placa de xisto gravada H.8-30, um fragmento (extremidade distal) de uma lâmina, talvez de riolite (H.8-18), molares humanos e outros ossos indetermináveis, a conta bitroncocónica abatida H.8-12, com uma perfuração bicónica tosca, e duas contas de colar discóides espessas, H.8-14 e -17;
7. as concentrações de ossos humanos e artefactos referidas em 5. e 6. dispõem-se em ambos casos do lado esquerdo do Corredor. Contrariamente ao que se tinha verificado com a leitura Munsell dos níveis de enchimento pós-deposicionais, lidos com 100% de concordância pelos 4 observadores mobilizados para a operação de leitura/confirmação,

devido a variações de reflexão da luz foi muito difícil obter leituras concordantes. Houve acordo a quase 100% sobre o *HUE*, mas não sobre o *VALUE*, tendo sido indicados valores como 2.5YR 6/4, 6/6, 5YR 6/4 e 7.5 YR 6/4, *light brown*, idênticos aos do nível superior, cor que o painel acabou por considerar adequada. No entanto, este autêntico nível-camaleão apresentou-se sempre muito seco, não permitindo as clássicas leituras diferenciadas entre o nível decapado de fresco e o nível já seco. Pessoalmente, estou convencido que algum tom rosado, não dominante, se deve a componentes de granito desagregados da sua associação original e transformados em areão. Este estaria presente no sedimento de uma forma não constante, originando uma cor «volátil» uma vez que a sua ocasional presença apenas seria revelada em condições específicas de luz incidente. Ainda com céu limpo, mas com outra temperatura de luz, três em quatro observadores acabaram por fixar a leitura em 10 YR 5/2, *grayish brown*, o que se regista portanto com um grau de confiança de 75%.

O desmonte sistemático do enchimento do Corredor evidenciou o que parece ser uma sequência confirmada, do mais antigo para o mais recente:

- 1.^a fase – utilização primitiva (acesso à Câmara), com um índice de uso desconhecido;
- 2.^a fase – derrube, de origem natural ou antrópica, das pedras que funcionavam como correcção em altura ao esteio ECrE-I;
- 3.^a fase – utilização funerária do Corredor para deposições aparentemente concentradas nos seus dois extremos. As deposições e respectivas ofertas fúnebres foram efectuadas sobre sedimentos que se formaram sobre a maior das pedras correctoras de altura que se encontrava tombada obliquamente no Corredor, junto ao acesso interno à Câmara.

Identificado o vaso quase completo H.8-7, associado a ossos humanos em muito mau estado de conservação, entre os quais os melhor preservados são os molares H.8-9, -10 e -11. No entanto, H.8-11 provem efectivamente das terras (crivadas) do mesmo plano, mas de uma área ligeiramente mais próxima da transição Câmara/Corredor. Trata-se certamente de uma reocupação do Corredor, associável cronológico-culturalmente às placas de xisto gravadas fragmentadas, recolhidas no seu exterior.

5.2.4. O acesso externo ao monumento

No Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, o estado de grande destruição das estruturas tumulares dificulta o entendimento de como se processava o acesso, a partir do exterior, ao Corredor dos monumentos. Por outro lado, a agricultura mecânica «barbeou» muitas vezes os monumentos. Os primeiros esteios do Corredor resistiram, mas tudo o que apresentava menor solidez, como as estruturas pétreas de fecho, acabou por ser afectado pelas máquinas e desapareceu.

Contrariamente ao habitual, STAM-3 apresentava evidências de um sistema de fecho constituído por blocos que travavam uma porta pétreia em forma de opérculo (Fig. 15). Os encaixes garantiam a solidez do conjunto, que deveria estar integralmente adossado aos extremos dos esteios do Corredor e à primeira das suas tampas.

Integram este conjunto os componentes numerados 10 (o opérculo-porta), 11 (muito provavelmente a primeira tampa do Corredor), 12 (o esteio-travão do lado esquerdo).

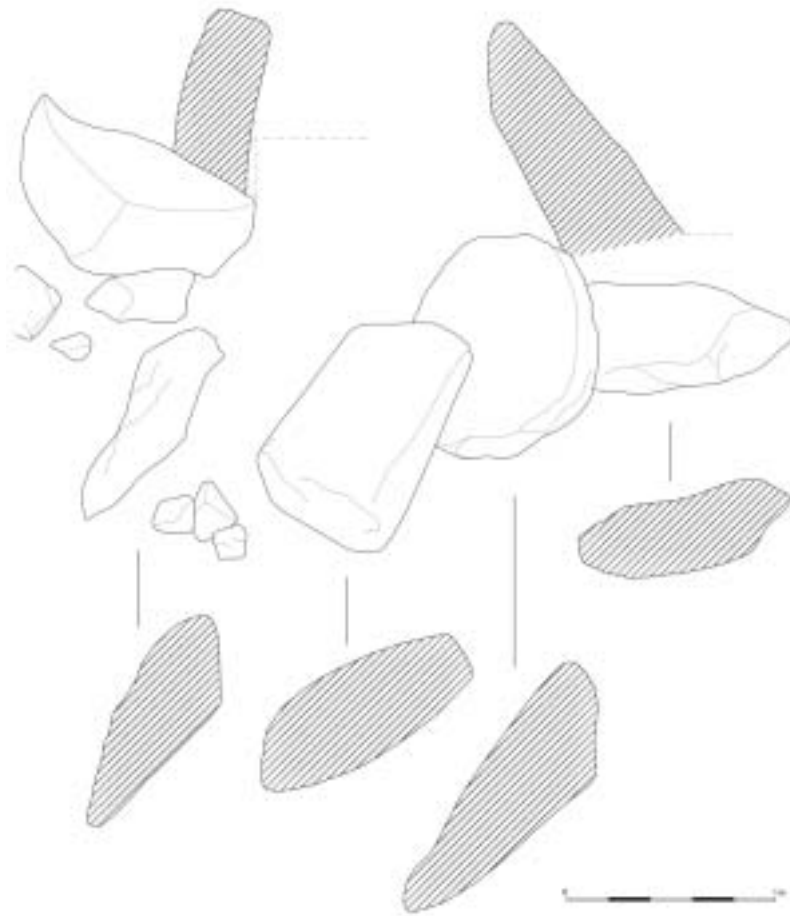


FIG. 15 – Sistema de fecho de porta externa do Corredor de STAM-3. Primeiro acesso ao interior do monumento.

5.2.5. As correcções, em altura, ao lado esquerdo

A construção do Corredor de STAM-3 originou uma situação peculiar, mas não inédita: uma vez montados os esteios, a sua altura divergia em cerca de 20 cm, provocando instabilidade e deficiente fixação nas tampas.

A solução adoptada foi exactamente a mesma que na Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), tendo havido recurso a correctores em altura, neste caso, dois blocos pétreos colocados lado a lado sobre ECrE-I, e cuja espessura anulava o desnível. Posteriormente, estes blocos deslizaram, possivelmente após remoção antrópica das tampas do Corredor, e tombaram no interior do próprio Corredor, selando-o até à escavação de 2001.

Devemos naturalmente discutir o momento em que isto aconteceu, uma vez que a sua determinação poderia ter implicações na definição da fiabilidade estratigráfica dos dados do Corredor. Mas não sendo realmente possível uma determinação rigorosa, creio que, argumentando com a presença de materiais pré-históricos no preenchimento de volumes altimétricos superiores ao ponto de assentamento dos correctores de altura, esta situação se deve ter verificado nos últimos séculos do III milénio, durante as operações de reconstrução da Câmara.

Como se verá, não existem provas concludentes de o Corredor ter sido muito afectado durante a reconstrução do monumento, mas é muito provável que a remoção de blocos e a deslocação dos esteios tenha, de algum modo, desequilibrado a segurança do conjunto e provocado a queda dos blocos correctores, que não teriam sido repostos no lugar de origem.

Os correctores de altura foram numerados 14 (o primeiro e o mais pequeno dos dois, com uma espessura de 0,10 cm) e 15 (com uma espessura de 0,24 cm).

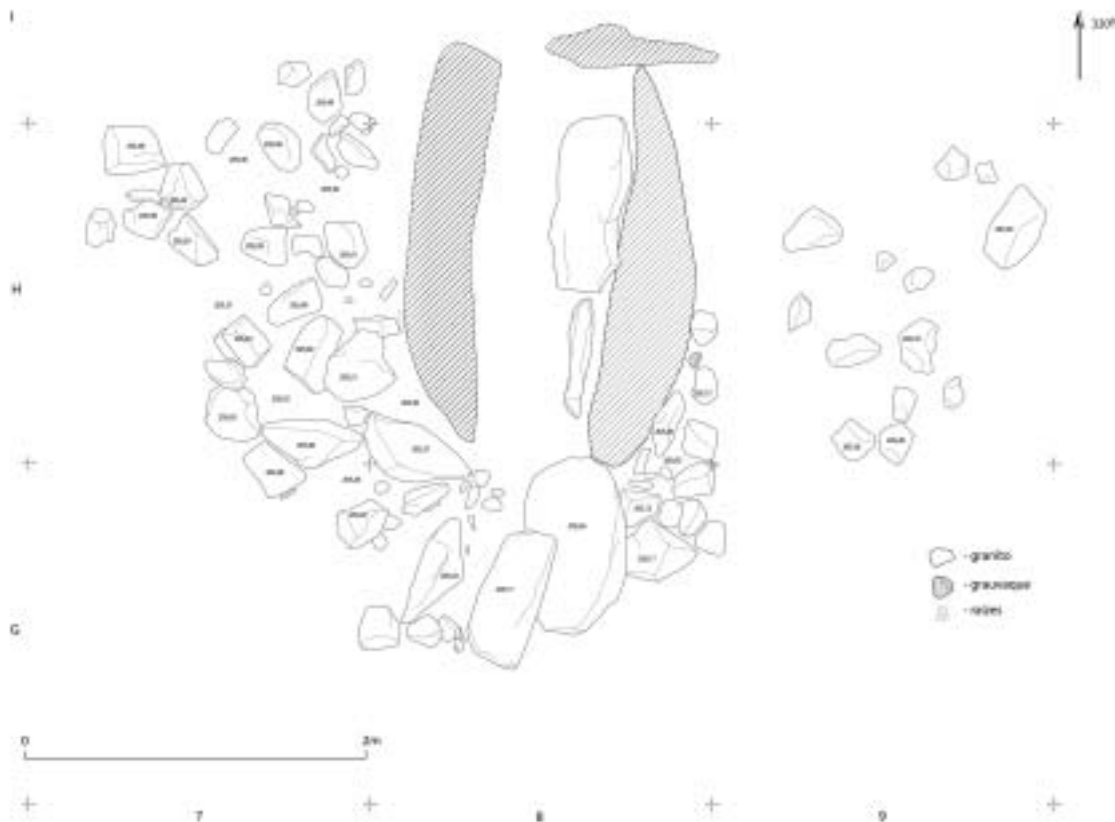


FIG. 16 – Corredor de STAM-3, com os dois blocos correctores de altura do esteio esquerdo tombados.

5.2.6. O acesso à Câmara

Uma das questões de difícil resolução para a maioria dos monumentos megalíticos é a natureza da transição Corredor/Câmara.

Em algumas situações, o desnivelamento dos dois componentes do monumento é evidente, sendo a Câmara mais profunda e obrigando mesmo à construção de um degrau, que garante o acesso seguro ao chão primitivo da Câmara.

Em STAM-2, os esteios do Corredor foram colocados ligeiramente afastados dos esteios da Câmara, de forma a garantir a montagem de um opérculo-porta que selava o acesso a uma Câmara com uma implantação não desnivelada em relação ao Corredor (Gonçalves, 2001, p. 138, Fig. 15). Em STAM-3, o processo utilizado é similar, mas foi encontrado o opérculo-porta, um bloco pétreo numerado 15 na lista dos componentes do monumento, com as dimensões de 0,99 x 0,83 m e a espessura de 0,10.

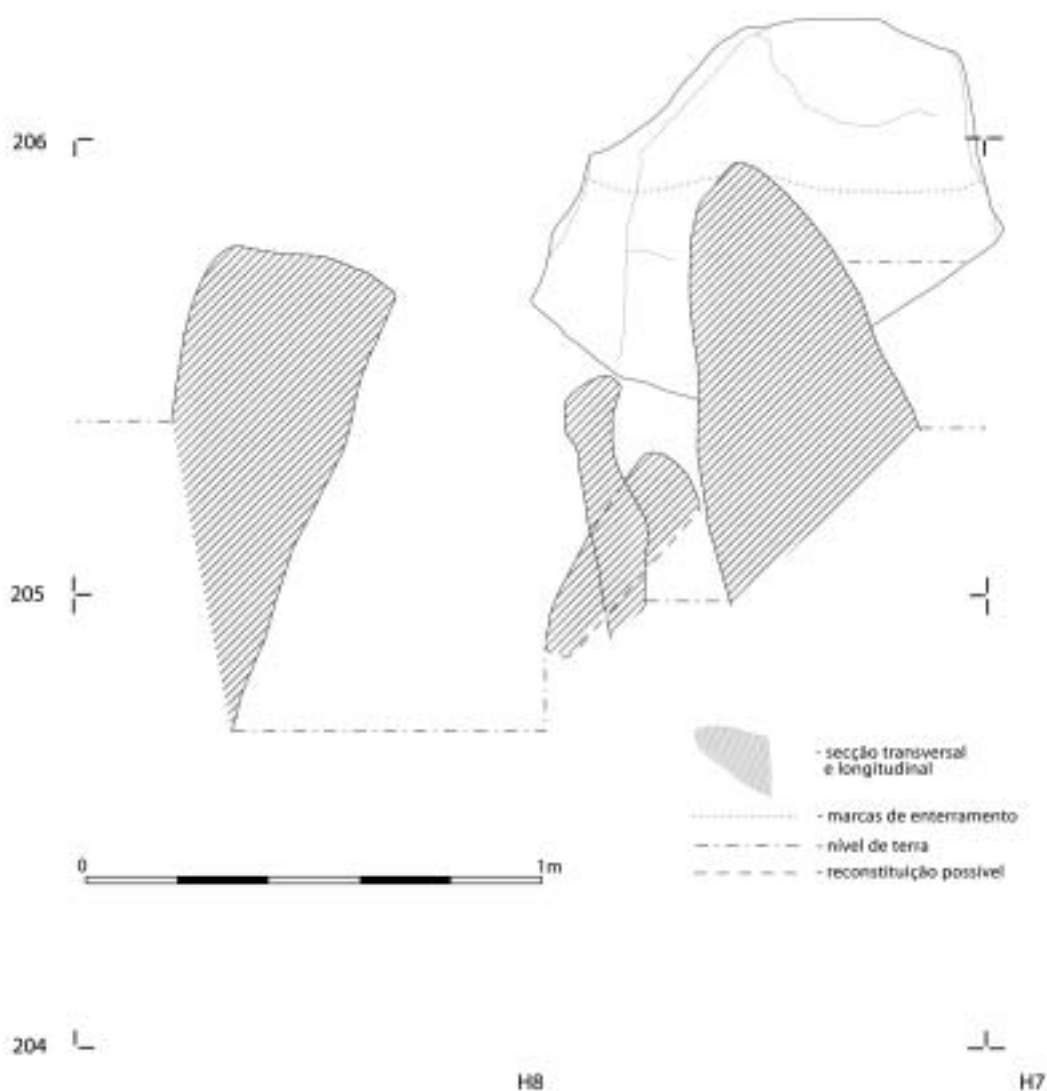


FIG. 17 – Acesso à Câmara de STAM-3, sendo visível, sobreelevado sobre a direita, o opérculo de fecho do acesso à Câmara.

5.3. A Câmara

5.3.1. Os esteios e fragmentos de esteio removidos

Hoje, é impossível saber a origem dos muitos blocos de granito de dimensões extremamente diversificadas, que resultaram das brutais acções traumáticas que a estrutura do monumento sofreu desde a sua reconstrução nos últimos séculos do III milénio, passando pelas duas violações medievais e acabando pela tentativa de destruição de 2000.

Esses blocos foram parcialmente registados, mas muitos encontravam-se em tal estado que era virtualmente impossível determinar se tinham efectivamente pertencido ao monumento ou se eram mesmo eventualmente restos de uma estrutura tumular entretanto desarticulada.

Basicamente, regista-se a nossa incapacidade para ultrapassar as limitações evidenciadas pelas descrições sumárias do Quadro 1.

5.3.2. A deslocação lateral dos esteios

Uma das situações que maior perplexidade causou durante as primeiras fases do processo de escavação de STAM-3 foi a posição relativa dos esteios da Câmara. De tal maneira ela pareceu incomum que, desde o início, se admitiram fortes perturbações pós-deposicionais na própria estrutura do monumento, ainda que não fosse então possível determinar a sua origem ou data.

Não referindo as situações atribuíveis à tentativa de destruição do monumento em 2000, temos a seguinte listagem de situações anómalas:

1. ECm-3: apesar de parecer estar quase *in situ*, regista uma sensível deslocação na horizontal, em direcção a Oeste;
2. ECm-4, o esteio de cabeceira: fragmentado, mas *in situ*. Regista, pela não sobreposição dos planos de fractura superior e inferior, uma deslocação horizontal das duas metades, devido à violência do golpe que originou a cisão e que se presume ser uma agressão recente, talvez medieval, para iniciar o desmantelamento da Câmara;
3. ECm-5: trata-se de um esteio de substituição, colocado em vez do genuíno ECm-5, muito provavelmente removido nos últimos séculos do III milénio, imediatamente antes das deposições da última fase de uso da Câmara;
4. ECm-6: não é o original, admite-se que possa ter sido parte do chapéu da Câmara, reaproveitado;
5. ECm-7: possivelmente, é um fragmento do original, reutilizado para o substituir, na altura em que ECm-5, -6 e -7 foram arrancados do seus alvéolos.

5.3.3. ECm-1

ECm-1, arrancado integralmente e, de seguida, parcialmente destruído.

5.3.4. ECm-2

ECm-2, arrancado integralmente e actualmente colocado na periferia do *Tumulus*.

5.3.5. *ECm-3*

ECm-3, provavelmente não se encontra na posição original, tendo tombado de pé na direção Sudeste-Sudoeste. Mas a sua deslocação da posição original ocorreu certamente durante a Pré-História, antes ou logo antes das primeiras deposições funerárias do III milénio. O ponto mais alto do esteio (fragmentado no topo) tem uma altimetria absoluta de 206,47 m. O grande fragmento cerâmico J.8-529 foi cotado a 204,85, numa altimetria em que o esteio parece estar no seu limite inferior, não coincidindo este, no entanto, com o limite em profundidade da Câmara.

5.3.6. *ECm-4*

ECm-4, o esteio de cabeceira, aparece agora com toda a irregularidade do seu traçado bem visível, com espaços entre ele e ECm-3 e ECm-5 colmatados por blocos do *Tumulus* ou, menos provavelmente, de um colar original. ECm-4 tem fendas e irregularidades provocadas por fenómenos pós-deposicionais muito violentos, mas é também, de origem, de traçado irregular.

5.3.7. *ECm-5*

ECm-5 é talvez uma das chaves mestras para explicar os fenómenos de transformação de uma Câmara original na Câmara actual de STAM-3. A sua colocação num espaço vazio, entre ECm-4, ainda *in situ*, e ECm-6, desaparecido, poderá ter criado um espaço de topo estruturante para um novo traçado da Câmara, irregular, pouco convencional, mas relativamente sólido.

5.3.8. *ECm-6*

ECm-6 não é o que se pensava inicialmente que fosse, tratando-se mais provavelmente de um grande fragmento do chapéu que cobriria a Câmara. A sua utilização como esteio é também posterior à presumida primeira fase de utilização do conjunto. Na sua face interna, actualmente num plano oblíquo à face exterior de ECm-5, e no espaço entre os dois blocos, recolheram-se ossos humanos, cerâmica muito fragmentada e pequenos fragmentos de placas de xisto gravadas, com decoração ou anepígrafas.

5.3.9. *ECm-7*

ECm-7 é provavelmente um dos esteios originais, ainda que hoje ligeiramente deslocado da sua posição primitiva. Parecia, inicialmente, que ele teria escorregado para uma posição consideravelmente mais oblíqua que a de origem, mas verificou-se posteriormente que ele foi extraído do alvéolo de origem e nele reimplantado ao contrário (com a parte superior para baixo).

5.3.10. *A fossa, em J.8*

Quando a escavação do monumento se encontrava já praticamente concluída, foi detectada uma fossa, escavada no afloramento a cujo topo se adossaram os esteios da pri-

meira fase de construção da anta. ECm-4, o esteio de cabeceira, estava apoiado à face Oeste da fossa.

Dimensões:

1. diâmetro longitudinal: 1 m;
2. diâmetro transversal: 1,20 m (contando com uma pequena extensão de cerca de 0,20 m parcialmente danificada);
3. profundidade média: 0,40 cm.

A fossa estava cheia com 10 grandes blocos de granito, que virtualmente cobriam uma pasta informe de ossos e fragmentos de grandes recipientes cerâmicos, cuja altimetria oscilava entre os 204,70 e 204,36. Os recipientes desenháveis eram (os diâmetros indicados correspondem aos dea):

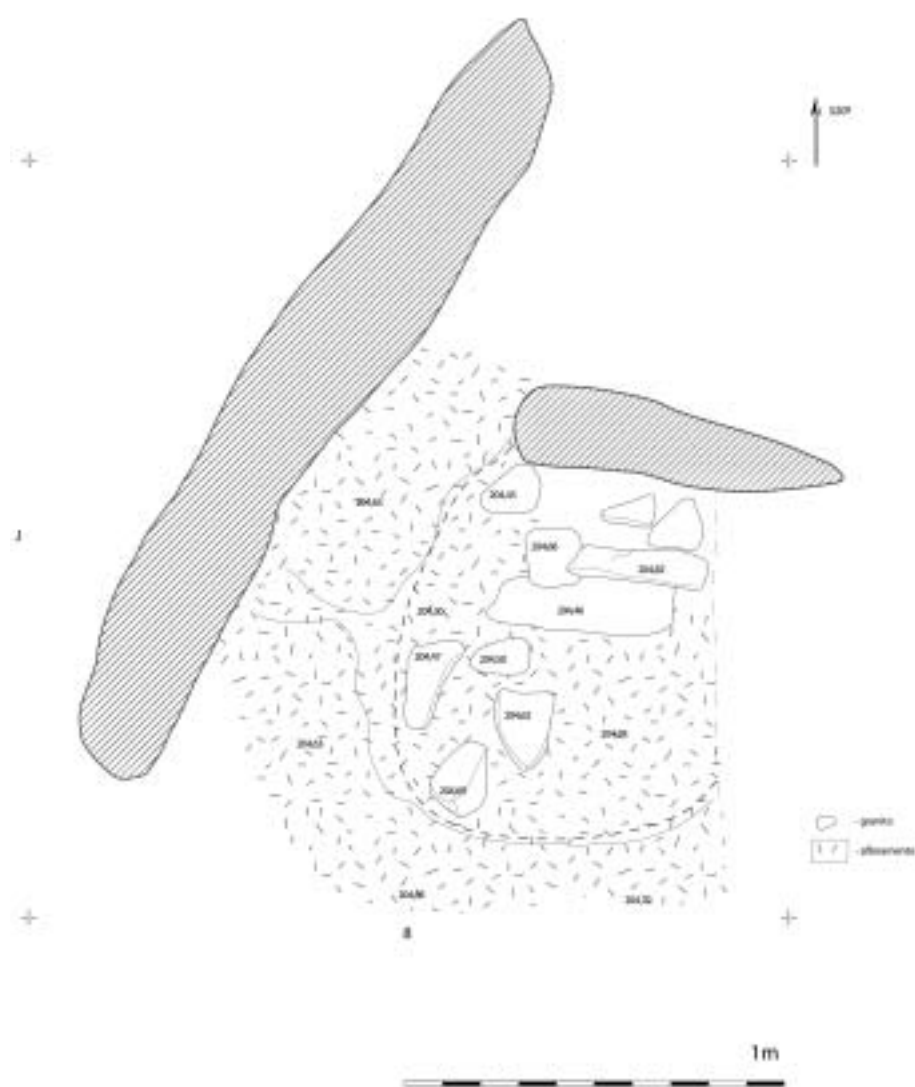


FIG. 18 – Fossa em J.8, junto ao esteio de cabeceira de STAM-3. A conclusão da identificação de esta estrutura foi feita já no último dia de escavação e sob condições particularmente adversas, pelo que se conseguiu registar fotograficamente o conjunto (Figs. 43, 44 e 45), mas não concluir o desenho de uma pequena área a norte. As chuvas torrenciais obrigaram ao imediato enchimento do monumento, após rápida consolidação. Assim, este deve ser considerado como um desenho incompleto, na área a 20°.

1. J.8-707 (Ø 20,2 cm), um esférico de paredes espessas, registado a uma altimetria de 204,70;
2. J.8-778+723 (Ø 26,4), um esférico alto, registado a uma altimetria de 204,63;
3. J.8-744 (Ø 22,2), parte do topo de um grande recipiente com colo largo estrangulado, registado a uma altimetria de 204,59;
4. J.8-763 (Ø 22,0), parte do topo de um grande recipiente idêntico ao anterior, registado a uma altimetria de 204,60;
5. J.8-764, o mais pequeno de todos (Ø 10,6), um pequeno esférico, registado a uma altimetria de 204,60.

Mas também se registaram fragmentos cerâmicos provavelmente pertencentes aos mesmos vasos, a maior parte não permitindo colagem:

1. J.8-777, registado a uma altimetria de 204,48 (cola com J.8-782);
2. J.8-779, um bordo de forma irreconhecível, registado a uma altimetria de 204,48;
3. J.8-780, registado a uma altimetria de 204,36;
4. J.8-782, registado a uma altimetria de 204,37;
5. J.8-783, registado a uma altimetria de 204,36.

O núcleo de basalto filoniano J.8-781, recolhido a 204,37, estava associado a estas cerâmicas, sendo esta a única associação exterior à cerâmica efectivamente registada.

5.3.11. O traçado original da Câmara e a sua reconstrução

Desde o início dos trabalhos que a peculiar geometria da Câmara justificou grande preocupação. Parecia uma clássica Câmara de 7 esteios danificada, a um ponto então imprevisível. Mas a remoção de ECm-2, a fragmentação de grandes blocos dos outros ortóstatos, e os danos gerais, ocorridos possivelmente, no mínimo, em duas épocas distintas, dificultavam conclusões outras que a seguinte: *após uma primeira fase de utilização, o monumento foi reutilizado de novo, também como lugar de enterramento, tendo as deposições fúnebres sido cobertas com blocos de pedra provenientes do exterior do monumento.*

Observou-se à cerca da Câmara que:

1. a compreensão do estudo da desarticulação da Câmara é dificultada pelo seu estado actual, tendo sido difícil mesmo, inicialmente, decidir com certeza se tratava de uma Câmara de seis ou sete esteios, ainda que esta segunda hipótese acabasse por ser, pela evidência dos dados, a confirmada;
2. a história de Cm-4, o provável esteio de cabeceira, indica que sofreu diversas fracturas, permanecendo no entanto praticamente *in situ*. Pensei que se poderia tratar de um dos dois componentes de uma cabeceira dupla em cunha, como acontece em outros monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, mas a hipótese foi afastada com o progresso da escavação;
3. também a transição Corredor/Câmara foi difícil de entender no seu estado actual, a tal ponto o seu traçado foi afectado pela aplicação de poderosas forças laterais, provavelmente provocadas pela máquina que, em 2000, foi usada na tentativa de destruir o monumento.

O topo actual da Câmara (mais concretamente: *o que era visível dele quando se retirou a manta morta subjacente aos ortóstatos fragmentados em 2000*) registava, no início dos trabalhos, um enchimento quase maciço de pedras de dimensões médias, regulares.

Na primeira fase da desmontagem, identificaram-se escassos restos cerâmicos, aparentemente modernos, mas a uma altimetria de 205,37 surgiu J.8-17, um osso longo humano, muito provavelmente associável ao que se designou, erradamente, por deposição funerária Cm-1, misturado com contas de colar e fragmentos pequenos de placas de xisto gravadas.

Significativamente, as cerâmicas aqui recolhidas, ainda que muito fragmentadas, confirmam esta situação, derivada afinal de fortes alterações pós-deposicionais. Também a ausência de pedra polida, como se sabe ausência ou extrema raridade verificada em monumentos datados pelo radiocarbono do III milénio (como o *tholos* OP-2b). Realidade que contrasta com o que se verificava no IV milénio (datação ¹⁴C para STAM-2 e datação presumida para a Anta 1 do Poço da Gateira e monumentos afins).

Na Câmara, e a uma altimetria absoluta de 205,78, continuava a registar-se o enchimento com grandes blocos, agora claramente provenientes do exterior, ainda que em menor número.

Desta fase da escavação da Câmara são provenientes:

1. artefactos de adorno pessoal, como as contas de colar I.8-13, J.8-1, -5, -16;
2. fragmentos cerâmicos: J.8-14, -15, -21 e o grande fragmento de bojo I.9-9;
3. fragmentos de placas de xisto gravadas I.8-3, -2, -5, -7, -11, -12, -15, J.8-17.

A violência dos fenómenos pós-deposicionais justifica que se comente a dificuldade em repor as contas de colar nos «colares» (ou «braceletes») de origem, bem como a determinação exacta do número exacto das placas de xisto gravadas a partir de fragmentos tão pequenos.

5.3.12. A violação da Câmara de STAM-3

Uma das questões mais obscuras levantadas pela escavação de STAM-3 reside na interpretação dos dados objectivos que evidenciam uma violação antiga (pré-histórica, nos últimos séculos do III milénio), seguida por uma reutilização, da Câmara e talvez mesmo do Corredor. Independentemente do radiocarbono, vários argumentos, que me parecem convincentes, podem ser invocados em favor de esta afirmação, após considerandos que podiam indicar o contrário:

1. tanto o Corredor como a Câmara se encontravam uniformemente selados por uma espessa e sólida camada de pedras removidas do que se pensava ser a estrutura tumular primitiva;
2. tratava-se, aparentemente, de um enchimento uniforme, e não exactamente um exemplo dos entulhamentos caóticos típicos das sequências das operações de despedrega, que se traduzem sempre pelo acumular de pedras dentro dos monumentos megalíticos;
3. sob a camada pétreia que selava o Corredor, encontrava-se o vaso intacto H.8-7, interpretado como o eventual núcleo de uma deposição votiva e funerária (designada por Cr-2);
4. sob o enchimento da Câmara, e protegido por ele, encontravam-se as deposições funerárias Cm-2, -3 e -4. E se o indivíduo registado como Cm-2 tinha o crânio completamente esmagado, os minúsculos fragmentos não se encontravam desaparecidos, apenas dispersos, e os ossos longos mantinham-se em conexão;
5. fora do âmbito espacial imediato de Cm-2 e -3, os artefactos votivos encontravam-se efectivamente muito dispersos, alguns a altimetrias diferenciadas, tal o caso do vaso cerâmico

mico J.8-54, cujo primeiro fragmento (a referência de altimetria menor é também usada para designar globalmente os diversos fragmentos recuperados) foi recolhido a um Z absoluto de 205,28, enquanto dos restantes fragmentos o mais profundo se encontrava a uma distância na vertical de 22 cm;

6. mas o caso das placas de xisto gravadas é ainda mais evidente, com fragmentos da mesma placa espalhados por quadrados diversos e distintas altimetrias;
7. também ainda no que se refere às placas de xisto gravadas, é impressionante o seu grau de fragmentação (ver Fig. 119:2) e sobretudo a frequente presença de apenas ínfimas partes das placas originais.

Estes factos devem ser completados pela informação adicional fornecida pelo pseudo-esteio ECm-5, já objecto de análise detalhada. Efectivamente, se o esteio original ECm-5 foi removido para facilitar a violação da Câmara (e o seu posterior reaproveitamento) num dado momento do III milénio, houve a preocupação de reparar os danos cometidos na Câmara, repondo um bocado de esteio e calçando-o cuidadosamente, tanto na horizontal como na vertical. Na primeira situação, uniformizando o espaço entre ECm-4, o esteio de cabeceira, e o novo ECm-5. Na segunda, criando um suporte uniforme, quase horizontal, também de granito, à base do novo esteio.

Tudo isto nos leva a supor que nos encontramos perante as seguintes possibilidades:

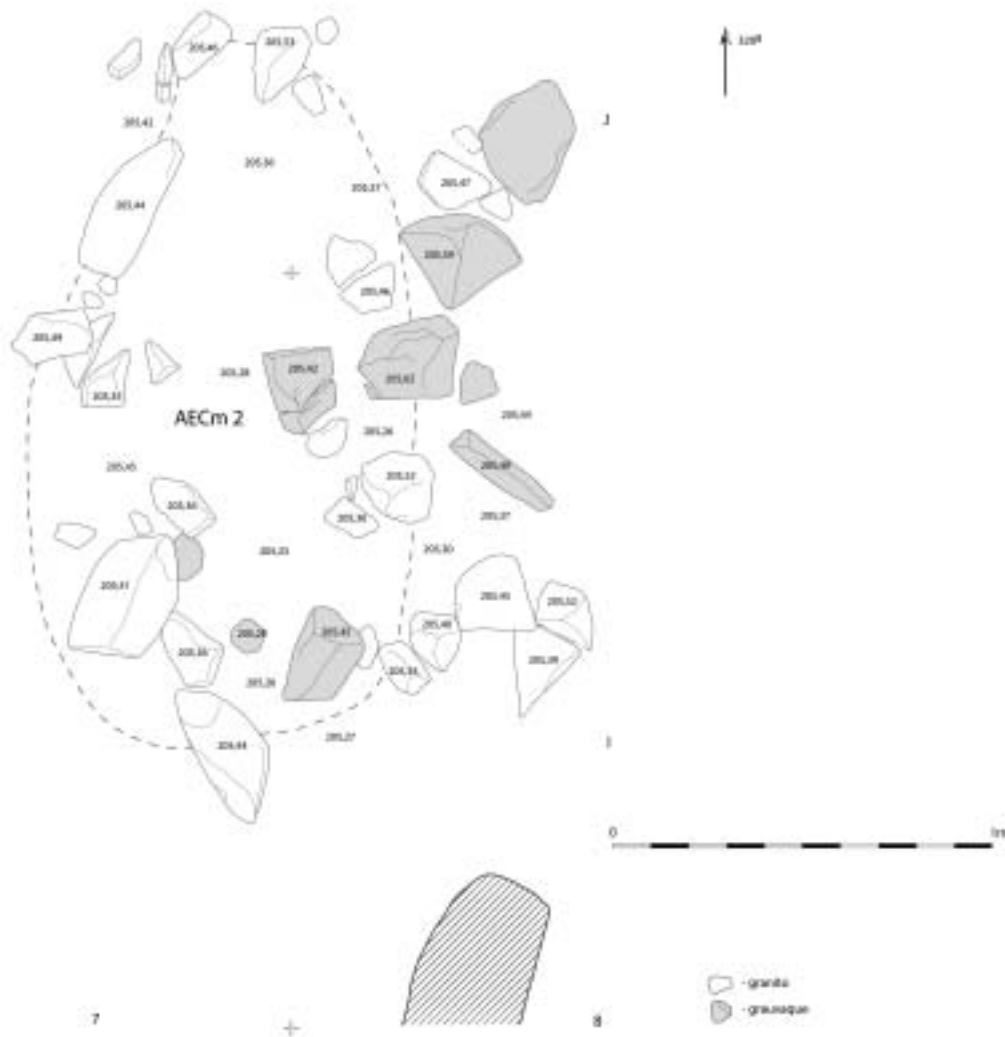
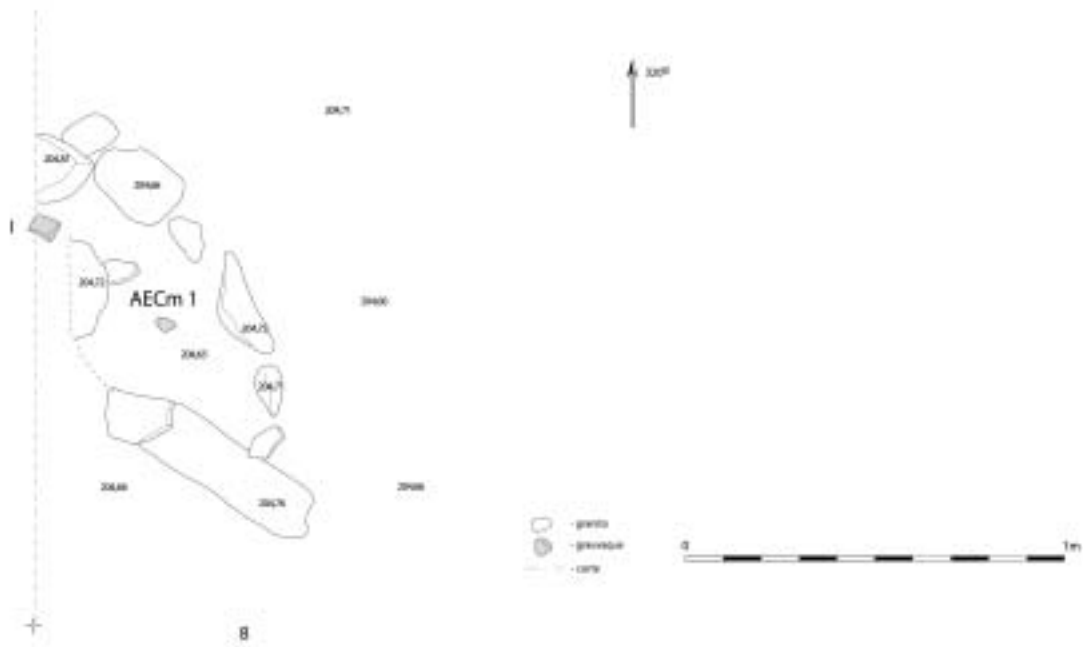
1. o monumento foi construído ainda no IV milénio, pela sua arquitectura muito provavelmente na sua segunda metade ou já na transição para o III milénio, foi esvaziado, utilizado de seguida em duas fases, uma na primeira outra na segunda metade do III milénio;
2. o monumento foi construído nos primeiros séculos do III milénio, usado durante a sua primeira metade e reaproveitado ainda no III milénio, mais concretamente nos seus últimos séculos.

Ambos cenários poderiam, à partida, e antes das datações radiocarbónicas, ser defensáveis. O primeiro, se houvesse qualquer indicação a nível da cultura material, neste caso lida através dos artefactos ideotécnicos ou sociotécnicos, que nos remetesse claramente para o IV milénio. Mas não só tal não acontece como tudo parece indicar que assim não foi:

1. praticamente, não há artefactos de pedra polida, muito abundantes nos conjuntos do IV milénio;
2. não há geométricos, ainda presentes na transição do IV para o III milénio, e não esquecendo a periculosidade inerente de raiz a este argumento, que venho sublinhando de longa data, e, recentemente, a propósito justamente da vizinha anta STAM-2;
3. existem pontas de seta de sílex (importado) e de xisto (local);
4. as contas de colar configuram e limitam-se a formas típicas do III milénio, ainda que a durabilidade das formas retire força a este argumento;
5. a cerâmica inclui alguns poucos fragmentos de taças carenadas e de taças de bordo espessado. Se as primeiras poderiam ainda eventualmente atribuir-se a fins do IV milénio, as segundas são exemplos das formas dominantes no III.

Claro que a estes argumentos poderíamos acrescentar outros, menos esclarecedores, o que, neste e em outros contextos, é no mínimo estimulante.

Tal é o caso, perturbador, da ausência das grandes lâminas obtidas por pressão de alavanca típicas de OP-2b, e comuns em outros monumentos do III milénio (veja-se o caso da necrópole de Alcalar, no Extremo Sul).



FIGS. 19 e 20 – Estruturas negativas sobreviventes da planta original de STAM-3; os alvéolos originais de esteios desaparecidos Ecm-1 e 2.

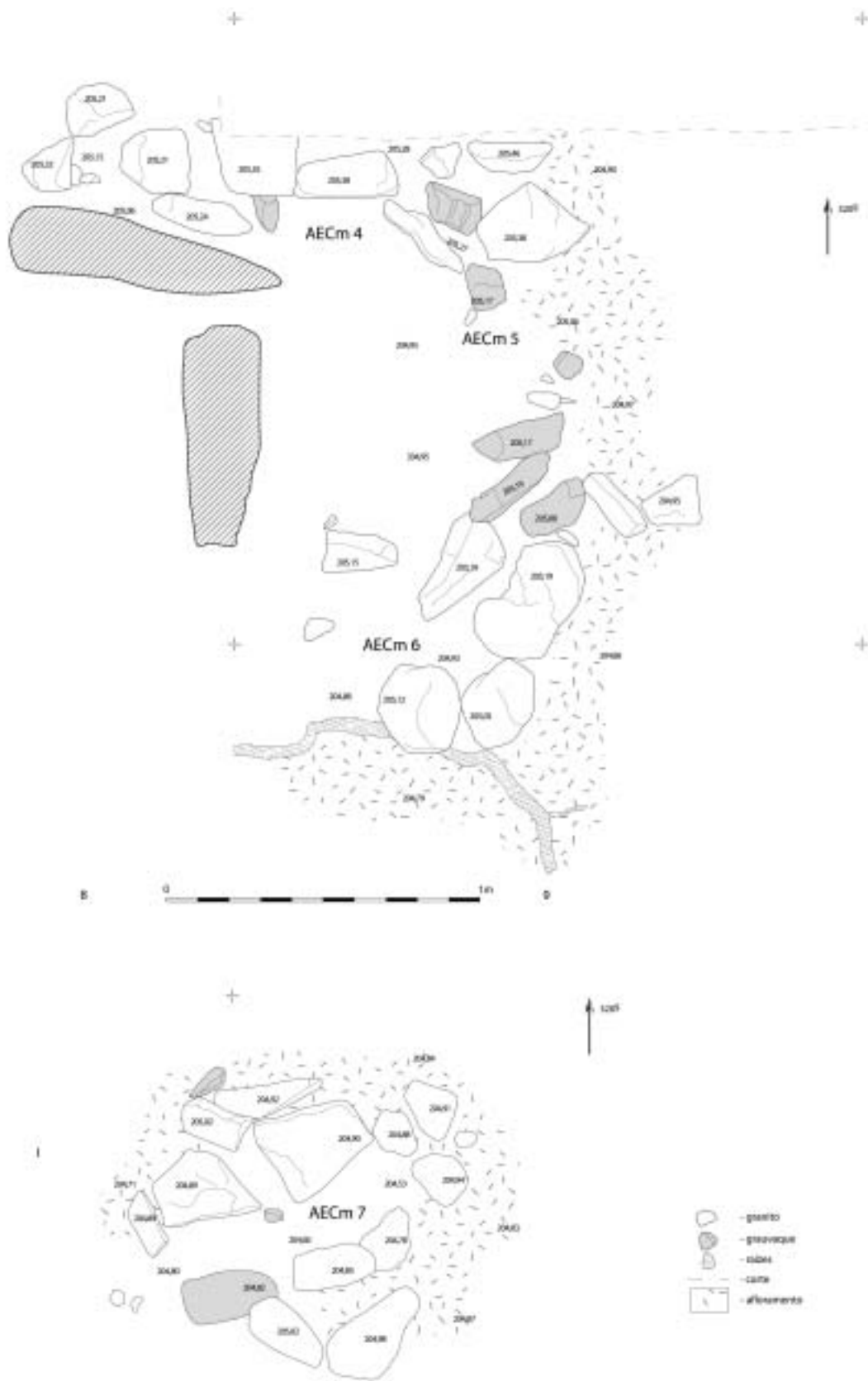


FIG. 21 – Estruturas negativas sobreviventes da planta original de STAM-3: os alvéolos originais de esteios desaparecidos ECM-4, 5 e 6.

Tal é o caso da raridade dos alfinetes de cabelo ou da ausência das estatuetas de coelhos ou lebres, de osso ou pedra verde. Mas também é certo que, tudo sendo «igual» na primeira metade do III milénio, tudo acaba por ser, na verdade, *diferente*, e os conjuntos, mesmo quando cronologicamente síncronos, podem ter conteúdos muito distintos.

Em Reguengos de Monsaraz, no entanto, estão em falta distinções precisas *dentro* dos conjuntos do III milénio. Talvez que aos modelos «importados» da Península de Lisboa, e patentes em OP-2b, e OP-1 («alabardas», alfinetes de cabelo com ou sem cabeça postiça canelada, estatuetas zoomórficas...) seja possível contrapor modelos «indígenas», ou insuficientemente aculturados, ou mesmo mais evoluídos em função do modelo original, se é que ele realmente existiu.

E seria talvez o momento em que alguns retomariam a arriscada, mas sempre apetecível, conexão entre povoados e necrópoles, essa obsessão primária que reúne, num único campo, incorrigíveis optimistas, acidentalmente costeando a-historicistas típicos, marxistas sobreviventes, divagando entre ruínas romanas expostas acriticamente e a-historicamente, escassos neopositivistas tresmalhados e ainda, para gáudio de todos, um ou outro asno recorrente.

Finalmente, haveria que considerar, em reforço dos pontos 1 e 2 anteriores, que raros são os monumentos violados que não guardam no seu interior algo das fases correspondentes à sua construção e primeira utilização, sendo STAM-2 disso um perfeito exemplo. Assim, o conjunto de inícios do III milénio parece ser efectivamente, com elevada probabilidade, o correspondente à construção do monumento.

5.3.13. A Câmara de STAM-3 e a sequência construtiva do monumento

A evolução da escavação da Câmara veio confirmar todas as observações anteriores, particularmente as que dizem respeito à bizarra (re)construção do principal espaço funerário de STAM-3.

Os esteios que integram actualmente a Câmara, nas suas primeiras imagens de conjunto, ao tornarem-se visíveis em profundidade, evidenciaram características e integração numa planta que pouco tem que ver com o traçado regular e excepcionalmente sólido do removido ortóstato ECm-2.

Concluindo,

a Câmara de um monumento megalítico ortostático, datável de inícios do III milénio, foi transformada num espaço funerário diferente e reutilizada nos últimos séculos do III milénio.

5.3.14. A planta original de STAM-3

Como é agora perfeitamente claro, existem duas configurações distintas para a Câmara de STAM-3.

A primeira a ser detectada por escavação sabemos agora ter sido cronologicamente a última, traduzindo uma profunda alteração na Câmara inicial. Desta temos hoje, apenas:

1. ECm-4, o esteio de cabeceira, apenas ligeiramente deslocado para o interior da Câmara;
2. o lugar de onde foi extraído ECm-2, cuja posição original é reconstituível com um grau de probabilidade superior a 95% ;
3. o grande alvéolo que corresponde ao encaixe original de ECm-7.

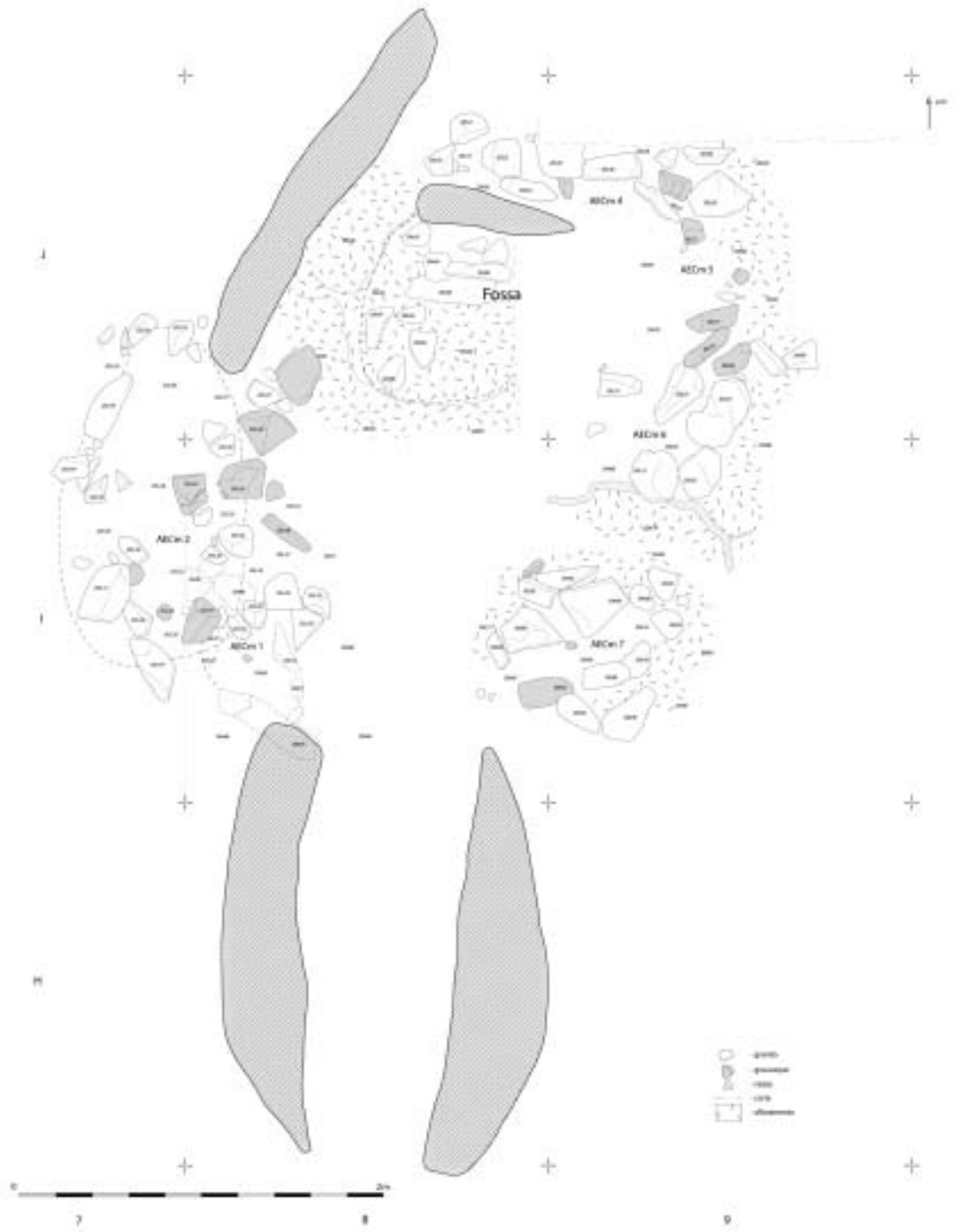


FIG. 22 – As estruturas negativas (alvéolos) implantadas no traçado da Câmara de STAM-3 fornecem uma imagem muito aproximada de como teria sido a Câmara original.



FIGS. 23 e 24 – Imagens do pseudo-cairn.



FIG. 25 – O Corredor de STAM-3, com o enchimento de pedras idêntico ao do pseudo-cairn.



FIG. 26 – Junção Corredor – Câmara. Vendo-se, em cutelo, o opérculo que fecharia a Câmara.



FIGS. 27 e 28 – O Corredor de STAM-3, sendo visível o bloco usado para corrigir em altura o esteio esquerdo do Corredor.



FIGS. 29 e 30 – Alvéolos dos esteios originais com as respectivas pedras de calagem.

O traçado original da Câmara, reconstituível através das posições originais de ECm-3, ECm-5, ECm-6 e ECm-7, indica uma dimensão maior, correspondendo no diâmetro transversal a cerca de 3 m e a 2,90 de diâmetro longitudinal. Esta Câmara foi totalmente reconstruída durante o III milénio (talvez cerca de 2300 cal BC), estreitada no sentido transversal, com deslocamentos laterais ou mesmo substituições de esteios. O Corredor permaneceu com a planta original, mas é provável que tenha sido neste momento que tombaram os correctores de altura de ECrE-1.

O «adelgaçamento» da Câmara em 1,20 m teria produzido uma planta da Câmara quase semelhante a uma elipse, com o aspecto de uma super-cista.

Um dos definitivos contributos para o esclarecimento de esta situação reside na conservação de uma significativa massa de ossos humanos sob ECm-5 (a laje-esteio que substituiu o ECm-5 original, entenda-se), estendendo-se até ao seu exterior e definindo assim a área primitiva do primeiro monumento. Os restos antropológicos referentes à fase mais antiga nem sempre estão bem conservados, mas incluem alguns ossos longos (incluindo um fémur) e fragmentos de calotes cranianas, duas no bloco que corresponde actualmente ao segundo traçado da Câmara, mas muito claramente abaixo do seu plano construtivo, e outras duas no mesmo plano das anteriores, mas sob o traçado de ECm-6. Um osso longo «atravessa» o nível subjacente ao novo ECm-5 de uma maneira definitivamente esclarecedora.

Alguns dos ossos estão muito fragilizados, mas é possível observar que são os restos de deposições funerárias que estariam cerca da face interna do antigo traçado da Câmara (ver Fig. 46). Ficaram assim parcialmente cobertos pelo novo traçado de uma Câmara mais pequena, quer sob esteios com a posição modificada, como ECm-5 e -6, ou exclusivamente sob o improvisado esteio que substituiu o original ECm-5, tendo sido obturado, com algumas pedras de preenchimento, o espaço deixado vazio pelo seu antecessor.

Muito perto do que teria sido a superfície interna original convergente de ECm-6 e ECm-7, inicialmente adossados, recolheu-se a placa de xisto gravada I.9-22, que um extraordinário acaso conservou intacta, entre blocos de granito, alguns em desagregação (Fig. 48). No mesmo plano, recolheu-se também I.8-247, um fragmento que justificou dúvidas sobre se trataria de um cabo de báculo ou de uma placa de tipo raro no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Uma conta de colar discóide de xisto (J.8-587) foi retirada da massa óssea que subjaz ao novo ECm-5. Dois fragmentos de dois crânios diferentes, associados a ossos diversos foram também identificados e correspondem muito provavelmente a deposições funerárias desestruturadas e em parte comprimidas pelo peso do novo ECm-5. A deposição funerária Cm-7, que inclui a notável placa recortada J.8-667, estava conservada apenas na sua parte superior, com restos do crânio, a mandíbula, falanges e, no lugar que corresponderia ao peito do defunto, a placa (Fig. 47).

Medidas para a Câmara:

Fase 1 Øs longitudinal e transversal: | 2,90 — 3,00 m.

Fase 2 Øs longitudinal e transversal: | 2,90 — 1,80 m.

5.3.15. A provável sequência construtiva de STAM-3

Perante os dados disponíveis actualmente, sobre o Corredor, a Câmara e o *Tumulus* de STAM-3, é possível propor uma sequência de construção, ruína, semi-reconstruções e utilização final do monumento.

O cenário que reúne, de longe, mais probabilidades de corresponder à realidade é o seguinte:

Logo a seguir a 2900 cal BC ou pouco antes

Fase 1: construção de um monumento megalítico «clássico», ainda orientado para a primeira luz. Câmara de sete esteios. Corredor com a fórmula tradicional em Reguengos de Monsaraz durante o IV milénio (1+1). Utilizado durante os primeiros séculos do III milénio. Uso de placas de xisto gravadas como único item votivo ideotécnico.

A partir de cerca de cerca 2300 cal BC

Fase 2: após ruína ou parcial destruição da Câmara, com derrube do chapéu, o Corredor não é (nem será) afectado no seu traçado original, mas as tampas e os correctores em altura de ECrE-1 são derrubados, caindo estes últimos para o interior do Corredor. Reestruturação da arquitectura da Câmara com criação de um preenchimento ortostático funcional para o esteio ECm-5, retirado possivelmente para facilitar a violação da Câmara. Utilização da Câmara para novas deposições funerárias. Três deposições directas na Câmara, Cm-2, Cm-3 e Cm-4, associadas à deposição de um cão jovem, de dimensões médias. Fecho do Corredor e da Câmara, agora preenchidos por uma camada espessa de blocos recuperados na área envolvente

Séculos XIV e XV da nossa era

Fase 3: duas violações em profundidade do conjunto, com inaudita violência, atingindo o solo do monumento através da área central da Câmara e provocando um vortex interno com remobilização das deposições funerárias que, tanto na primeira como na segunda fase, ocupavam a área central do monumento. As deposições funerárias que se encontravam próximas das paredes da Câmara sobreviveram a estas agressões.

2000 DC

Fase 4: perturbações contemporâneas afectando o conjunto da Câmara e a entrada do Corredor. Destruição de esteios, extracção de ECm-2 para fora da Câmara.